

O Festival de Khoiak: a celebração dos ciclos do Renascimento

Simone Maria Bieleesch

Mestre em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora em Arqueologia
Egípcia, bolsista da CAPES.

Resumo: Para celebrar a chegada das cheias do Nilo os egípcios realizavam um festival no 4º mês de Akhet ou Khoiak em homenagem ao deus Sokar-Osiris. Este tem como sua origem o Festival de Sokar realizado em Mênfis desde o Período Arcaico. Os principais atos deste festival eram a capinação da terra e a procissão ao redor dos muros do templo na qual o faraó puxava a barca Henu do deus Sokar. E igualmente na origem do Festival de Khoiak está o Festival de Osiris celebrado em Abidos desde ao menos o Médio Império. Neste era celebrado o renascimento de Osiris após o seu sepultamento e a derrota de seus inimigos por seu filho. A proximidade de Sokar e Osiris como deuses funerários e o aumento da popularidade de ambos os festivais permitiu a união destes últimos até a sua fusão total no Período Ptolomaico. O número de dias do festival também aumenta e novos elementos são incorporados a ele ao longo do tempo. O renascimento de Osiris e da vegetação trazida com as cheias do Nilo era celebrado com a confecção de uma figura reproduzindo o deus de uma mistura de areia e grãos. Figuras semelhantes as do festival foram encontradas no contexto funerário, de acordo com os indícios, essas figuras são uma adaptação para o morto daquelas figuras executadas durante o Festival de Khoiak, possibilitando a ele renascer no Mundo dos Mortos assim como Osiris.

Palavras-chave: Figuras de grãos, Festival de Khoiak, Osiris, Sokar, Solarização

Abstract: To celebrate the coming inundation of the Nile the Egyptians hold a festival in the 4th month of Akhet or Khoiak in honor of the god Sokar-Osiris. Its origin was the Festival of Sokar hold in Memphis since de Archaic Period. The main acts of this festival were the hoeing of the earth and the procession round the walls of the temple in which the pharaoh drew the Henu bark of the god Sokar. And equally in the origin of the Festival of Khoiak is the Festival of Osiris celebrated in Abydos since at least the Middle Kingdom. In this the rebirth of Osiris was celebrated after his burial and the defeat of his enemies by his son. The proximity of Sokar and Osiris as funerary gods and the growing of the popularity of both festivals allowed the union of these last ones until their total fusion in Ptolemaic Period. The number of days of the festival also increases and new elements are incorporated to it along the time. The rebirth of Osiris and the vegetation brought with the flow of the Nile was celebrated by making a figure reproducing the god of a mixture of sand and grains. Similar figures as that of the festival have been found in the funerary context, according to the signs this figures are adaptations for the dead of the figures executed during the Festival of Khoiak, allowing him to reborn in the Underworld like Osiris.

Keywords: Corn-Mummies, Festival of Khoiak, Osiris, Sokar, Solarization

No quarto mês de Akhet (Inundação) ou Khoiak os egípcios realizavam um festival em homenagem ao deus Osíris. Sua popularidade pode ser vista pelo aumento de sua duração, sendo em seu período mais extenso comemorado do dia 12 ao 30 de Khoiak. Já no final do Antigo Império outro importante festival se junta ao Festival de Osíris, o Festival de Sokar, realizado no princípio em Mênfis. Em pouco tempo temos a fusão total dos dois festivais sendo praticamente impossível distinguir um do outro.

A menção ao festival nos chegou de várias fontes de diferentes períodos. Mas as informações fornecidas muitas vezes se referem a acontecimentos específicos ou são lacunares. Portanto, ainda não sabemos ao certo de todos os acontecimentos do festival, da mesma forma como nos falta saber o seu verdadeiro significado. Desta forma, possuímos diferentes interpretações feitas a respeito por diversos estudiosos.

Das informações que possuímos podemos perceber que um dos objetivos do festival era representar o mito de Osíris, desde seu assassinato por seu irmão Seth até a sua ressurreição como o Senhor do Mundo dos Mortos. Os assim chamados mistérios de Osíris contavam com representações dramáticas, com a participação de músicos e dançarinas. Em geral era um monólogo no qual um ator se dirigia a Osíris, que sempre era representado por uma estátua. A intenção era a de que o mito de Osíris fosse melhor visualizado¹. Além disso, outra importante ação realizada era a fabricação de figuras feitas em geral de uma mistura de areia e grãos. Estas talvez sejam uma das poucas fontes materiais ligadas diretamente ao festival as quais possuímos.

Fontes:

Do material referente ao Festival de Khoiak, o qual chegou aos nossos dias a maioria pertence aos Períodos Ptolomaico (304 a.C.–30 a.C.) e Romano (30 a.C.–395 d.C.). As fontes de períodos anteriores são escassas, pertencendo as primeiras ao Médio Império (2040 a.C.–1640 a.C.). No caso de levarmos em conta o Festival de Sokar, o qual se integra ao Festival de Osíris, nossas fontes remontam ao Período Arcaico (2920 a.C.–2575 a.C.). As evidências

contidas principalmente na Pedra de Palermo mostram eventos associando Sokar ao rei, os quais seriam a origem para o seu Festival. A procissão de circundar os muros e o ato de capinar a terra já estavam presentes, ocorrendo no início em períodos irregulares, na I Dinastia (2920 a.C.–2770 a.C.) associando-se a Festa da Barca Maaty², passando na II Dinastia (2770 a.C.–2649 a.C.) a ser comemorado a cada seis anos³.

No início do Antigo Império (2575 a.C.–2134 a.C.), o Festival de Sokar passou a ser celebrado anualmente. Também passamos a encontrar menções fora de Mênfis em fórmulas funerárias em Assuã, Dendera, Meir e Sheik Said⁴. Fora do Festival de Khoiak encontramos evidências da associação de Sokar a Osíris em especial nos “Textos das Pirâmides” (§ 1256 e 1824), levando em conta principalmente o caráter funerário de ambos os deuses.

No Médio Império nossas principais fontes são estelas encontradas em Abidos, relatando a participação de seus donos no Festival de Khoiak. Destas a mais completa é aquela com o relato do príncipe Ikhnofret, diretor do Tesouro e Edifícios de Senusret III e Chefe dos Segredos das Palavras Divinas. Ao contrário da maioria dos autores Frankfort (1948) acha que os rituais descritos nessa estela não pertencem aos Mistérios de Osíris celebrados no mês de Khoiak. Segundo ele os fatos ocorridos lembram os rituais praticados por ocasião da morte dos primeiros reis, os quais estão ali enterrados. Além da ausência de Hórus como filho de Osíris, o qual desempenha importante papel no drama como o filho que vinga a morte do pai⁵. Mas Griffiths⁶ (1966) chama atenção para o fato de que no Festival de Osíris conforme representado na estela de Ikhnofret revela o resquício de um período anterior no qual Osíris foi representado como um chacal e o deus chacal Wepwawet foi seu filho. E, conforme a inscrição da estela foi dito que Wepwawet iria salvar o seu pai Osíris, dessa forma estando ele no lugar que posteriormente seria ocupado por Hórus.

Outras evidências do Médio Império são relevos e inscrições em Abusir, Assiut, Assuã, Beni Hassan, El Bersheh, Dendera, Meir e Licht⁷. O Papiro Kahun, o qual menciona a celebração de dois Festivais de Sokar, sendo o primeiro no quarto mês de Akhet e o segundo no templo funerário do Faraó. Nos “Textos dos Caixões” (fórmulas 419, 439, e 557) temos a menção de que o Festival de Sokar está associado a Osíris:

Saudações para ti, O Osíris, pai dos deuses, no teu agradável dia do festival de Sokar! A população observa-te, todo povo comum segue-te, todas as pessoas adoram-te. (CT Fórmula 419)⁸

No Novo Império (1550 a.C.–1070 a.C.) no templo de Séthi I em Abidos encontramos cenas do puxar da barca Henu e representações de três conjuntos de equipamentos processionais para Sokar e para Osíris. A sua disposição e o plano decorativo destes indicam que os ritos internos para o festival de Sokar ainda eram independentes do Festival de Osíris realizado em Abidos durante o reinado deste faraó.⁹

Além de Abidos, as fontes do Novo Império concentram-se nos templos da região tebana, sendo a principal o relevo no templo funerário de Ramessés III em Medinet Habu. O relevo está localizado no registro superior na parede sul da Segunda Corte e continua até a metade da parede leste (correndo de oeste para leste). Nele estão retratados os principais acontecimentos do dia 26 de Khoiak, dia do Festival de Sokar¹⁰. (FIG. 7, ver adiante). Estes relevos estariam baseados nos que deveriam existir no Ramesseum.¹¹ No santuário de Sokar na Sala 4, ao norte da sala hipostila principal ainda temos a representação da barca Henu. Provavelmente a barca de Sokar usada em sua procissão ficava neste recinto e no mesmo eram realizadas as partes reservadas do festival.¹² Aqui já encontramos elementos do Festival de Sokar e de Osíris unificados.

Em Karnak temos no templo de Akhmenu a representação da renovação do rei divino e o rei identificado a Sokar passando por rituais funerários (Tenda da Purificação e Abertura da Boca) e na parede sul do templo principal de Amun temos o relevo mostrando Ramessés II conduzindo a barca de Sokar diante de Ptah-Sokar-Osíris.

Além dos templos também temos a assimilação total da barca de Sokar e sua procissão ou a Lítania de Sokar em algumas Tumbas Tebanas (exemplos são: TT 45, TT 50, TT 158)¹³.

Uma vasilha de granito para a terra semeada, inscrita sob um rei da XXII Dinastia (945 a.C.–712 a.C.) em Koptos, um sarcófago de Hawara com uma representação de um Osíris germinando e o Papiro Louvre 3176[s] são as fontes que temos do Período Tardio (1070 a.C.–332 a.C.). O papiro nos conta dos acontecimentos ocorridos em Karnak dos dias 16 ao 26 de Khoiak.

No Período Greco-Romano temos a assimilação total do Festival de Sokar ao Festival de Osíris, tornando-se Sokar apenas uma forma de Osíris. Neste período a principal representação encontra-se em Dendera na capela de Osíris no terraço do templo de Háthor. Ali temos uma lista com 16 cidades onde os mistérios eram realizados, estando Dendera fora dessa lista. Este fato nos leva a pensar que a lista é de fato mais simbólica do que real, fazendo uma associação com as 16 ou 14 cidades onde Ísis encontrou os membros mutilados de Osíris¹⁴. O ponto central do texto está na fabricação das figuras de Sokar e Khenty-Amentet feitas de uma mistura de grãos¹⁵. Os relevos dos recintos interiores das duas capelas se concentram principalmente nas cenas de ressurreição, enquanto que os outros recintos representam a proteção de Osíris durante o embalsamento¹⁶.

Também possuímos os textos dramáticos representados durante o festival. Estes se concentram no aspecto funerário do mito de Osíris e no papel de Ísis e Néftis. “*O Livro de Proteger a Barca do Deus*” nos conta sobre as lutas contra Seth na barca *neshemet*. Já “*Os Guardiões das Horas*” é a descrição de 24 horas guardando a múmia de Osíris. E, por fim, temos as “*As Canções de Ísis e Néftis*”, as quais representam o aspecto lírico das performances¹⁷.

Figuras de Grãos:

Além das fontes mencionadas acima, podemos incluir as figuras de grãos encontradas a partir do Novo Império em tumbas. Apesar de serem pouco estudadas, elas constituem uma fonte importante. Como sugere Raven¹⁸ estas, em especial os exemplares tardios seriam as figuras produzidas durante o Festival de Khoiak. De uma opinião divergente Frazer¹⁹, acredita serem estas figuras feitas para o morto, baseando-se nas produzidas durante o festival na intenção do morto de alcançar um destino parecido ao obtido por Osíris.

No Papiro Dramático Ramesseum do Médio Império encontramos a primeira relação conhecida entre Osíris e grãos. Neste é descrito um ritual no qual um burro, representando Seth pisoteia a cevada, a qual seria Osíris numa alusão a quando Seth esquarteja o corpo de seu irmão em pedaços²⁰. No mesmo período histórico também já é possível observar a existência de uma ligação do morto aos grãos e Osíris nos “Textos dos Caixões” na fórmula 269

Palavras a serem ditas para “Tornar-se cevada do Baixo Egito”

N. que você é esse feixe de vida que sai de Osíris, que se desenvolve sobre os lábios de Osíris, que faz viver os homens, que diviniza os deuses, que espiritualiza os bem-aventurados, que alimenta os mestres dos kas, mestre dos produtos, que faz os pães pakou para os bem-aventurados, que faz prosperar os vivos, que fortifica o corpo dos vivos. N. que você viva em Nepri hety. N. você é Nepri hety dos vivos, N. que você se enriqueça sobre os lábios de Geb. O amor de N. que você está no céu, sobre a terra, nos campos. Ísis é vantajosa sobre seu Hórus, para o seu amigo que ele é, para o seu Hórus. N. que você reviva em Osíris.²¹

e fórmula 330.

“Tornar-se Neper”

[...]

Eu vivo e eu morro, (pois) eu sou Osíris. Eu saí de você, eu entrei em você, eu cresci em você, eu me desenvolvi em você, eu vim de você, eu cai sobre meu lado, (de modo que) os deuses vivem de mim. Eu vivo e eu me desenvolvo em Nepri que os Imakhous carregam. Eu recupero Geb. Eu vivo, eu morro, eu sou o trigo, eu não sou destruído.²²

Em períodos anteriores quando encontramos uma relação entre o morto e grãos, os grãos estão presentes puramente como alimento para o morto e não em um sentido simbólico ligado ao renascimento ²³.

As “Camas de Osíris” pertencentes ao Novo Império são as primeiras provas arqueológicas encontradas de figuras feitas de grãos. Ao total foram encontrados sete espécimes em diferentes graus de conservação em tumbas reais no Vale dos Reis. Estes exemplares possuem em comum o fato de serem representações do deus Osíris de perfil olhando para a direita, usando a coroa *atef* e segurando nas mãos o cajado e o açoite. Eles estão deitados em um suporte de grade de madeira coberto por tecido ou esteiras ou em uma caixa de madeira e os exemplares do Período Pós-Amarniano estão numa caixa com perfurações. Nos espécimes, os quais sobreviveram, os grãos de cevada germinaram e cresceram a uma altura considerável.²⁴ (FIG. 1)



Figura 1 - Estátua de Ptah-Sokar-Osiris (a) e detalhe mostrando pseudo múmia de grãos no interior da base (b), Fitzwilliam Museum E.23.1887.

A partir do fim da XXV Dinastia em diante encontramos encerradas no interior de estátuas de madeira de Ptah-Sokar-Osiris, pseudo-múmias em miniatura. Os exemplares analisados mostram serem estas figuras feitas de uma mistura de barro e grãos de trigo ou cevada, os quais não germinaram²⁵. Estas se encontravam no interior de uma cavidade no torso da estátua ou na base concebida sob a forma de um sarcófago ou falcão.²⁶ (FIG. 2)

Segundo Raven (1982) o simbolismo do conjunto da estátua deixa clara a sua ligação com os Mistérios de Osiris praticados no mês de Khoiak. Esta ligação já pode ser vista na inscrição de uma estátua de Osiris de verniz preto (antecessor das estátuas de Ptah-Sokar-Osiris) encontrada no “cachette” dos sacerdotes em Deir el-Bahari. A inscrição “*O primeiro dos Ocidentais (figura) de Osiris N. justificado*” é a mesma aplicada às “Múmias-de-Grãos”, preparadas durante os Mistérios de Osiris, segundo consta no texto de Dendera²⁷.



© The Fitzwilliam Museum, Cambridge. UK



© The Fitzwilliam Museum, Cambridge. UK

Figura 2 - “Cama de Osiris” de Tutankhamun.

A partir da Baixa Época (525 a.C.–332 a.C.) em diante temos as chamadas “Múmias-de-Grãos”, encontradas em sua maioria em fossas simples. Estas coexistem junto com as estátuas de Ptah-Sokar-Osiris, ao contrário das “Camas de Osiris” que desaparecem no final do Novo Império. As “Múmias-de-Grãos” têm em comum serem objetos

Figura 3 - “Múmia-de-Grãos” com quatro pacotes tubulares (Filhos de Hórus) em caixão com cabeça de Sokar, British Museum.



mumiformes antropomorfos, geralmente enroladas ou cobertas em bandagens de linho e providas com máscaras de cera. Ocasionalmente são encontrados atributos como cetos reais, um falo em ereção e uma coroa *atef* ou *bedjet*. Seus corpos consistem de terra (barro, areia ou uma mistura de ambos) contendo numerosos grãos de trigo, os quais não germinaram. Algumas são encontradas dentro de caixões de madeira ou barro com cabeça de falcão, podendo conter inscrições. Também é possível encontrar junto com as figuras quatro pacotes mumiformes tubulares, por vezes com máscaras de cera dos filhos de Hórus. Estes possuem igualmente uma mistura de areia e cevada. Estas “Múmias-de-Grãos” foram encontradas em quatro localidades: em Tebas no Wadi Qubbanet el-Quirud (também conhecido como Vale das Tumbas de Macacos), Tihna el-Gabal, es-Sheik Fadl e num sítio desconhecido no Médio Egito^{28, 29} (FIG. 3)

Um último grupo de figuras são os chamados “Tijolos de Osíris”. Características comuns dessas figuras são serem de barro cozido vermelho, de forma retangular, ao centro possuem um rebaixo com a imagem de Osíris de perfil usando a coroa *atef* e a barba divina e portando o cajado e o açoite. A imagem de Osíris era originalmente preenchida com uma mistura de terra com grãos, a qual não foi preservada na maioria das figuras. Os tijolos têm em média o tamanho de 24 cm de comprimento, 12 cm de largura e 6 cm de profundidade. Alguns exemplares contêm um rebaixo raso na parte superior. Os exemplares conhecidos foram encontrados no Wadi Qubbanet el-Quirud, Gebel el-Tarif e possíveis outras localidades na margem Ocidental de Tebas, tendo uma datação entre o III Período Intermediário e o Período Romano.³⁰ (FIG. 4)



Figura 4 - “Tijolo de Osíris”,
Museu do Louvre Inv. E 11375.

Alguns autores acreditam serem os “Tijolos de Osíris” na verdade os moldes das figuras de grãos produzidas durante o Festival de Khoiak, já que os moldes de ouro descritos nos textos do festival, não foram encontrados³¹. Tooley (1996) contesta essa hipótese assumindo que:

[...] Tijolos de Osíris eram preenchidos com terra e areia e cultivados com grãos da mesma maneira que as Camas de Osíris do Novo Império e de acordo com as posteriores instruções dos textos de Dendera considerando a criação das múmias-de-grãos de Khenty-Imentiu. O fato de exemplares de tijolos de cerâmica terem sido encontrados com o seu conteúdo original indica que eles não podem ser vistos como moldes de figuras tridimensionais. Parece muito mais provável que estes são receptáculos com tampas, talvez uma variação das Camas de Osíris do Novo Império. Os dados do texto de Dendera e os materiais exatos ali citados podem não ter uma aplicação mais ampla, desde que está claro de evidências existentes que fatores locais determinavam esses fatores.³²

Dessas figuras, o terceiro grupo, as “Múmias-de-Grãos” é o que mais se assemelha às figuras preparadas durante o festival. No entanto, existem diferenças entre ambas. Segundo o Texto de Dendera dois tipos de figuras eram preparadas: uma de Khenty-Amentet (FIG. 5) e outra de Sokar (FIG. 6).³³ Outras localidades, conforme o Texto de Dendera dispunham apenas de um tipo de figura.³⁴ As figuras de Khenty-Amentet deveriam ser feitas de areia e cevada e as figuras de Sokar deveriam ser feitas de uma mistura de pasta de tâmaras, incenso, resina, terebinto, material aromático, pó de pedras raras combinadas com terra³⁵.

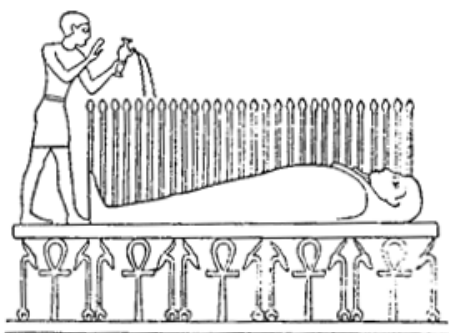


Figura 5 - Figura de Khenty-Amentet sendo irrigada, Templo de Philae.



Figura 6 - Figura de Sokar no interior de sua tumba, a qual é velada por Ísis

Na cripta de Osíris no templo de Karnak, Henri Chevrier encontrou figuras de Osíris semelhantes às descritas no Texto de Dendera no interior de nichos sobrepostos em vários níveis. Os nichos continham em seu interior selos do Faraó Nekau II, da XXVI Dinastia (664 a.C.–525 a.C.), indicando que as figuras foram ali depositadas nos Festivais de Khoiak realizados durante o seu reinado. As figuras consistem de um corpo de areia, coberto por duas camadas de estuque, tendo a forma de um Osíris mumiforme usando a coroa branca. Ao seu lado encontram-se quatro pequenas figuras representando os filhos de Hórus e um objeto ovóide o qual lembra um escaravelho. Ao que parece todas as figuras estavam envolvidas em linho, conforme indica a impressão na resina negra de cobertura e eram revestidas por uma rede de contas de faianças pretas, vermelhas e verdes entrelaçadas.³⁶

Pelo seu conteúdo as “Múmias-de-Grãos” encontradas nas necrópoles assemelham-se as de Khenty-Amentet. Mas alguns exemplares encontrados contêm inscrições para Sokar-Osíris, além dos caixões com cabeça de falcão. No Texto de Dendera as figuras de Khenty-Amentet deveriam ser colocadas num caixão mumiforme com cabeça humana usando o toucado tripartite, barba divina e mãos segurando cetros. Detalhes comuns às figuras encontradas nas necrópoles como máscaras de cera, falo, cetros e os Filhos de Hórus não são mencionados no texto. Além disso, o Texto de Dendera fala que as figuras deveriam germinar após os nove dias em que foram irrigadas. Nas figuras encontradas não há nenhum sinal de que os grãos tenham brotado.³⁷

A partir da comparação das figuras de grãos encontradas nas necrópoles e aquelas produzidas durante o festival podemos chegar a três hipóteses possíveis a respeito. A primeira seria a de concordar com a opinião de Frazer³⁸ (1922) de serem as figuras de grãos encontradas nas necrópoles imitações para o morto daquelas produzidas durante o Festival de Osíris para garantir a sua ressurreição. Isto incluiria todos os tipos encontrados: “Camas de Osíris”, Ptah-Sokar-Osíris, “Múmias-de-Grãos” e “Tijolos de Osíris”. A segunda hipótese seria a de considerar as figuras encontradas (em especial as “Múmias-de-Grãos”) como variações locais, o que explicaria as diferenças encontradas. O próprio Texto de Dendera já nos aponta a existência de pequenas diferenças na comemoração do Festival de Khoiak de uma cidade para a outra. A terceira hipótese seria a proposta feita por Quack (2000/2001) a partir de uma

reinterpretação dos Textos de Dendera do Festival de Khoiak. Segundo ele para o ritual nas cidades de Koptos e Sais temos no final a instrução para que as figuras sejam jogadas na água: “No que se refere ao que é feito em Koptos, assim é feito do dia 12 de Khoiak, da mesma forma em todas as coisas como é feito em Abidos. Que seja jogado no lago sagrado desse nomo.”³⁹ Essa representação ritual do afogamento de Osíris por Seth seria uma explicação para o fato de não terem sido encontradas figuras de grãos nas localidades próximas aos templos onde o Festival de Khoiak era realizado. Assim também ocorreria uma inutilização dos objetos rituais para que eles não pudessem ser utilizados por terceiros.⁴⁰ As “Camas de Osíris” e as pseudo-múmias encontradas no interior das estátuas de Ptah-Sokar-Osíris, certamente se encaixam na primeira hipótese, pois foram encontradas no interior das tumbas em conexão com o morto.

Os Dias e Acontecimentos do Festival:

Como é possível verificar através das fontes o Festival de Osíris durante o mês de Khoiak foi celebrado por quase toda a história egípcia, demonstrando a sua popularidade. Estes fatores podem explicar a ampliação da duração de dias do festival ao longo do tempo. Gaballa e Kitchen (1969) levando em conta este aumento de dias propõem três fases históricas para o Festival de Khoiak:

Os assim chamados ‘Mistérios’ atestados para Abidos no Médio Império, por exemplo, a estela de Ikhnofret (Khoiak ‘A’), as celebrações do 18 ao 30 do 4º Akhet atestados no Novo Império e no papiro de 300 a.C.¹ (Khoiak ‘B’) e finalmente, as celebrações mais estendidas de Dendera do 12 ao 30 sob os Romanos (Khoiak ‘C’).⁴¹

Levando em conta o Festival de Sokar poderíamos incluir uma fase anterior, a qual levaria em conta o Festival de Sokar celebrado durante o Antigo Império.

Como já mencionado antes (ver fontes) o Festival de Sokar em seus primórdios está associado ao Festival da Barca Maaty. Neste era realizado um ritual de capinar a terra com uma enxada ou a abertura de um canal, ao final ocorrendo a navegação numa barca. No dia 26 de

¹ Papiro Louvre N.3176(s)

Khoiak era realizada a procissão de circundar os muros do templo real⁴². O primeiro circuito é feito por Sokar e sua barca, representando o rei morto que vai ao encontro do céu e o segundo pelo rei, assumindo o papel de Hórus como governante na terra. Para Wilkinson⁴³ esta procissão estaria ligada a um antigo ritual de coroamento, destinado a ilustrar a unificação do Alto e Baixo Egito.

Nas estelas do Médio Império (Khoiak 'A'), na ausência de datas específicas podemos dividir os mistérios de Osíris realizados em Abidos em cinco atos principais, tendo como base a estela de Ikhernofret⁴⁴:

1. Preparativos para o festival, em especial da barca *neshemet*, da capela e da estátua de Osíris.

Eu dirigi o trabalho relacionado com a barca *neshemet*; Eu entalhei a cabine, Eu adornei o corpo do Senhor de Abidos com lápis-lazúli, malaquita, electrum e todos os tipos de pedras preciosas, dignas para adornar a carne de um deus. (Depois) Eu adornei o deus com a sua indumentária, no meu ofício de Chefe do Mistério. Meu ofício foi aquele de Sem (mestre das cerimônias rituais), para isto eu tenho mãos puras para adornar o Deus, Eu sou um Sem com dedos purificados.⁴⁵

2. Procissão triunfal de Osíris acompanhado por Wepwawet e repelência dos rebeldes da barca *neshemet*.

Eu arranji a Procissão de Wepwawet quando ele foi defender (vingar, apoiar) seu pai.
Eu repeli aqueles os quais se rebelaram contra a barca *neshemet* e subjuguéi os inimigos de Osíris.⁴⁶

3. Grande Procissão, momento no qual Osíris morre, sua tumba é então preparada e ele é enterrado em Peker no qual ele recebe a coroa de justificação.

Eu dirigi a Grande Procissão e acompanhei o deus no seu caminho.
Eu fiz a barca divina navegar e Thot guiou a jornada.
Eu adornei a barca chamada "Ela que reluz para frente em verdade", o Senhor de Abidos com uma capela e coloquei nele (Osíris) belas jóias quando ele foi para a localidade de Peker.
Eu conduzi o caminho do deus para a sua tumba em Peker.⁴⁷

4. Grande Batalha de Nedit na qual Osíris é vingado.

[...] Eu vinguei Unnefer, naquele dia da Grande Batalha, Eu subjuguiei todos os adversários nas margens de Nedit e Eu o fiz conduzir a grande barca, a qual carrega sua beleza.⁴⁸

5. Retorna triunfante Osíris à bordo da barca *neshemet* para o seu templo.

Eles viram a beleza da barca *neshemet*, assim que ela chegava em Abidos. Ela trazia [Osíris, Primeiro dos Ocidentais, Senhor] de Abidos para o seu palácio. Eu segui o deus para a sua casa. A sua purificação foi feita; seu trono foi feito espaçoso. Eu soltei o nó no ---; [ele veio descansar entre] seus [companheiros], seu séquito.⁴⁹

Nas fases denominadas por Gaballa e Kitchen como Khoiak 'B' e 'C' já temos uma datação mais específica dos acontecimentos. O maior número de dias em períodos mais recentes acaba em geral por implicar apenas no prolongamento por mais dias de certos rituais. Devemos levar em conta que às vezes certos registros nos parecem meio confusos, por não baterem com os demais ou por não sabermos o seu significado. Destacamos abaixo os principais acontecimentos mencionados nos templos de Abidos, Dendera, Edfu, Karnak, Koptos, Medinet Habu e nos Papiros Jumilhac e Louvre N.3176(s).

No dia 12 de Khoiak temos a “Grande Festa de Tena” com a cerimônia de lavar e semeadura. O material das figuras de Khenty-Amentet e dos membros sagrados era preparado e colocado em moldes e no dia 14, dia da “Grande Festa Peret” eram preparadas as figuras de Sokar. Ambas eram então irrigadas diariamente até o dia 24 ou 25 dependendo da fonte.⁵⁰ Ao longo desses dias diferentes recitações rituais eram feitas para a proteção das figuras. No texto de Dendera temos a menção que no dia 19 a figura de Sokar era tirada do molde, colocada num pedestal de ouro, coberta com um véu e então levada para secar ao sol até o dia 23 de Khoiak⁵¹.

No dia 22 de Khoiak temos a menção de dois importantes eventos: o primeiro é a cerimônia de navegação de 34 barcas de deuses feitas de papiro no lago sagrado iluminado por 365 luzes na oitava hora da noite⁵². O segundo é a capinação da terra, quando Osíris é

vindicado ou justificado contra seus oponentes perante o Grande Concílio (quatro deuses), na “Grande Capinação da Terra”, quando a terra era capinada e fertilizada com o sangue de seus oponentes – interpretados como os confederados de Seth, os quais assumiram a forma de gansos⁵³.

No dia seguinte começava a preparação para o enterro. O corpo (inteiro ou desmembrado) de (Sokar) Osíris deveria ser achado e/ou coletado, trazendo-o de volta para o santuário Shetayet e então seu embalsamento por Anúbis era encenado ritualmente na Mansão de Ouro ou *wabt*. A proteção do corpo de Osíris durante as horas vitais de embalsamento era crucial e para estas eram devotadas às 24 horas do dia e da noite na “Vigília das Horas”⁵⁴ dos templos Ptolomaicos que certamente tinha percussores mais antigos. A figura deveria ser deitada no caixão, o qual deveria ser mantido numa tumba temporária e ritos de amortalhamento deveriam ser praticados nas figuras do ano anterior.⁵⁵

No dia 25 de Khoiak era celebrada a festa *Netjeryt*, cujo significado não sabemos. Talvez reflita a restauração dos poderes divinos ou status para o mumificado e enterrado (Sokar) Osíris. Neste dia ocorria a navegação de Osíris, a bordo da barca *neshemet* para Abidos. Nesta ocasião os inimigos do deus eram virtualmente exterminados.⁵⁶ Oferendas eram feitas para Ptah-Sokar-Osíris e os participantes das cerimônias matinais amarravam colares de cebolas em seus pescoços para acompanhar Sokar em sua procissão dentro dos recintos do templo. Textos como “*seja triunfante, seja triunfante, O soberano*” e o “*Processionário de Sokar*” eram recitados durante o carregar da imagem de Sokar. À noite, os colares de cebola eram novamente utilizados, desta vez nas capelas de tumbas em Tebas.⁵⁷ Os colares de cebola tinham o papel de limpar e purificar a boca do morto, ou seja, iluminar a face do deus morto, quando ao alvorecer do dia seguinte o Sokar-Osíris desmembrado torna-se um Osíris solar⁵⁸.

O dia 26 de Khoiak era o principal dia do Festival de Sokar. O único dia que era considerado feriado, estando os demais dias ligados apenas a rituais praticados nos templos⁵⁹. Nos relevos do templo de Medinet Habu temos a representação mais completa desse dia do festival. Todas as divindades do templo recebem o culto do ritual matinal e as oferendas são apresentadas aos ancestrais do faraó. Ptah-Sokar-Osíris recebe uma oferenda maior que os demais. (FIG. 7 - cena I) Em seguida o rei oferece incenso para Khum presidindo sobre seus

muros, Herremenwy-f(y) na Grande Mansão e Shesmu presidindo sobre a *Per-Wer*. (FIG. 7 – cena II). Estes deuses mênfitas tinham papéis de fertilidade e como guardiões na renovação e proteção de Sokar-Osiris. Na *Per-Henu*, o sumo-sacerdote de Ptah de Mênfis coloca a barca Henu sobre seu trenó-*mefekh*. Em seguida ocorria a performance da Lítania de Sokar invocando o deus em todas as suas manifestações. (FIG. 7. – cena III). Talvez ocorresse uma procissão até o terraço do templo. Ao final acontecia a parte pública do festival quando o rei com a ajuda de oficiais, dos filhos reais e de sacerdotes puxa a barca Henu de Sokar para circundar os muros do templo, talvez se seguindo uma visita à necrópole. (FIG. 7 – cena IV e V). Atrás da barca Henu seguiam sacerdotes carregando o estandarte de Nefertum e outro estandarte menor de “Hórus sobre a sua Haste de Papiro”. (FIG. 7 – cena VI). Em seguida encontramos sacerdotes incensando e fazendo libações pelo caminho, acompanhados por músicos e seguidos pelas cinco barcas das deusas Hathor, “Wadjet”, Shesmetet, Bastet e Sekhmet, cada uma acompanhada por um pequeno estandarte de Nefertum e um sacerdote carregando um cesto com cinco gansos. Estas eram seguidas por duas filas de sacerdotes com incenso, estandartes, oferendas, bastões e símbolos. Após, vinham os quatro estandartes de Wepwawet (um para o sul e outro para o norte), Khons, Hórus e Thot. Então, por último o primeiro dos sacerdotes-*wab* carrega um bastão diante do qual outros sacerdotes se ajoelham em adoração, enquanto o último sacerdote da fila oferece incenso para o faraó (Ramessés III), seguido por criados pessoais.⁶⁰ (FIG. 7 – cena VII). Segundo Graindorge-Héreil (1994): “*A aparição do deus sobre sua barca é semelhante aquela de Ré. Ele sai do Nun, ultrapassa a porta do horizonte, torna-se Akty, aquele do horizonte.*”⁶¹

Nos próximos dias eram feitas oferendas para Ptah-Sokar-Osiris e outros deuses e no dia 30 de Khoiak eram conduzidos os ritos finais. O Pilar Djed era erigido. O enterro final de Osiris para se tornar rei do Mundo dos Mortos era realizando, deixando o governo terrestre para Hórus. Dirigiam-se ao sepulcro sagrado, um recinto subterrâneo sobre o qual aparentemente crescia um arvoredo de Pérsea. Entrando na câmara mortuária pela porta ocidental, eles deitavam a figura do deus morto, que se encontrava dentro de um caixão, reverencialmente sobre um leito de areia na câmara. Assim, eles o deixavam para o seu descanso e partiam do sepulcro pela porta oriental. Parte da cerimônia consistia em conduzir

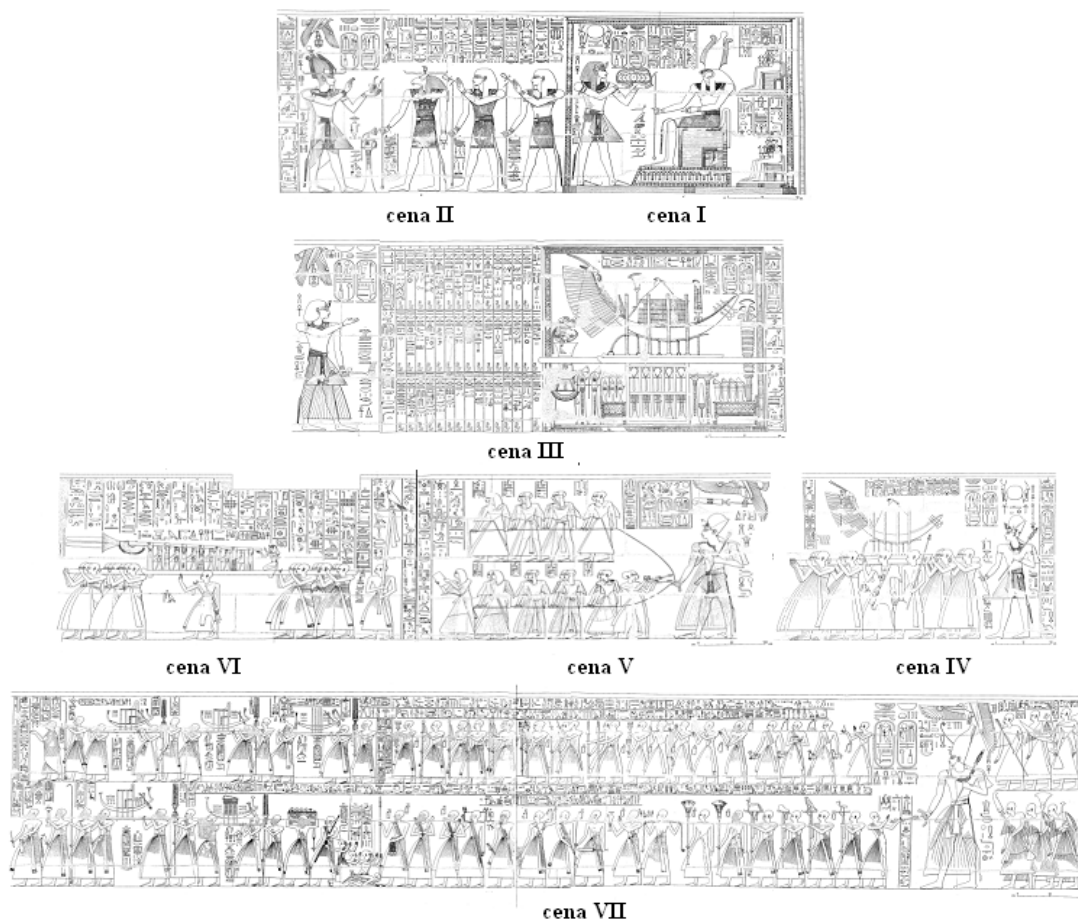


Figura 7 - representação do Festival de Sokar em Medinet Habu.

bois e burros ao redor dos muros quatro vezes. Não se sabe ao certo o significado deste ritual, talvez seja algum antigo ritual agrícola, o qual foi osirificado.⁶²

O Papiro Jumilhac menciona que cada dia entre 19 a 30 de Khoiak uma parte do corpo de Osíris deveria ser encontrada. Provavelmente este se refere a um ritual, o qual tem a intenção de recriar a busca de Ísis pelo corpo esquartejado de seu marido por seu irmão Seth.

Como podemos observar nos fatos discutidos acima, as informações as quais possuímos a respeito do festival concentram-se na fabricação das figuras de Khenty-Amentet e Sokar e os rituais feitos para estas. O seu significado não é apresentado pelas fontes, restando-nos apenas conclusões hipotéticas (veja abaixo em conclusões). Mas, podemos observar que o festival representa os acontecimentos do mito de Osíris: seu assassinato por Seth e seus

seguidores, a procura dos membros de seu corpo por Ísis, a restauração do seu corpo por Anúbis, a vingança de Hórus contra os inimigos de seu pai e por fim a volta triunfal de Osíris, o qual renasce como o senhor do Mundo dos Mortos.

Alguns rituais, como capinar a terra e a procissão de circundar os muros no dia 26 de Khoiak permanecem ao longo da história. Outros rituais se modificam, mas é possível perceber semelhanças. Um exemplo é o dia da Grande Procissão em Abidos no Médio Império e os fatos ocorridos no dia 23 de Khoiak no Novo Império, quando Osíris morre, os membros de seu corpo são coletados e os rituais funerários são realizados. E o dia 24 de Khoiak, o qual apresenta semelhanças com o dia do seu enterro em Peker. Desta forma, podemos ver nos rituais praticados em tempos mais recentes a influência por um lado dos rituais praticados antigamente no Festival de Sokar em Mênfis e por outro lado a influência do Festival de Osíris praticado em Abidos.

A partir do Novo Império símbolos ligados ao mito solar aparecem no Festival de Khoiak. Justamente neste período podemos observar uma maior preocupação por parte do clero de Amun em unir Osíris ao culto solar devido a sua crescente popularização e o deus Sokar passa a atuar no renascimento do deus-sol. O renascimento do deus-sol acontece quando este passa pelo Rosetau, a terra de Sokar, “o qual está sobre a sua areia” nas 4ª e 5ª horas noturnas em sua viagem pelo Amduat.⁶³ Nesta mesma viagem o deus Rê se une a Osíris, tornando-se ambos os deuses um só. Assim, Osíris torna-se o sol noturno o qual acorda os mortos de seu sono e Rê regenera as suas forças para poder renascer revigorado na forma do deus Khepri ao amanhecer. O deus Sol ao sair à luz do dia separa-se novamente de Osíris, mas a união se repetirá diariamente todas as noites.⁶⁴

Assim, Sokar o qual atuava inicialmente no renascimento de Osíris no Antigo Império, passa a atuar no renascimento diário do deus-sol em sua passagem pelo Mundo Inferior. Dessa forma, ele se tornava uma peça vital na continuidade dos dois ciclos principais para os egípcios, o osiríaco e o solar. Através da sua ação Osíris e o deus-sol venciam a morte, renascendo Osíris como o “Primeiro dos Ocidentais” e o sol podia surgir rejuvenescido no horizonte a cada manhã após ter derrotado os seus inimigos, em especial a serpente Apepi. No Novo Império o Festival de Sokar passa a celebrar esse duplo renascimento. Goyon⁶⁵ (1978)

propõem que os rituais realizados em Edfu simbolizem Sokar-Osíris como o Sol “morto”, o qual renasce triunfante através dos rituais realizados no templo no dia 26 de Khoiak. A trajetória dos rituais começa nas partes mais escuras do templo, onde o deus recebe ritos e oferendas reservados para os mortos, até chegar a suas partes iluminadas. O trajeto dessa forma lembra a viagem noturna feita pelo Sol. A barca Henu de Sokar pode ser vista como uma barca solar a qual percorre o céu noturno, representando o triunfo solar sobre a morte, sendo uma contraparte para a barca diurna do sol. Essa ligação no festival entre Sokar(-Osíris) e o Sol chega ao seu ápice no Período Greco-Romano quando Sokar(-Osíris) passa a ser conhecido como o “pequeno Sol”.

Outros emblemas ligados ao culto solar podem ser observados nas representações do Festival de Khoiak. O estandarte de Nefertum é mostrado sendo carregado na representação do Festival de Sokar em Medinet Habu (FIG. 7 – cena VI) e no templo de Hathor em Deir el-Medina temos uma cena na qual o deus Anúbis segurando o disco solar é seguido pelo estandarte de Nefertum e pela barca Henu. Tanto Sokar, quanto Nefertum são originários de Mênfis, mas segundo Murnane (1980) eles também tem uma ligação mais profunda:

Nefertum como a flor de lótus simboliza renovação na teologia do deus sol Rê e dessa forma ele pode aparecer como a realização da vida, a qual é latente apenas em Sokar ele mesmo. Essa relação é feita mais provável por uma exortação proferida por um sacerdote mostrado ao leste da parede, o qual carrega um emblema menor de Nefertum e clama, “Ao redor, ao redor, como Rê!” assim associando o progresso de Sokar com o curso diário do sol cruzando o céu e através do Mundo Inferior.⁶⁶

Assim, ambos os deuses estão incluídos no ciclo de transformações solares. Em uma das cenas da procissão de Sokar no dia 26 de Khoiak em Medinet Habu temos sacerdotes carregando as cinco barcas das deusas mênfitas Háthor, Wadjet, Shesemet, Bastet e Sekhmet, todas filhas de Rê e em seguida um sacerdote carregando um cesto com cinco gansos, animais sagrados do deus Amun (FIG. 7 – cena VII). Quanto aos gansos é interessante notar que esta é a única cena conhecida em que eles aparecem com a cabeça para fora do cesto, nas outras cenas em que aparecem eles estão presos numa gaiola servindo como oferendas a serem

sacrificadas para algum deus específico.⁶⁷ Portanto, a peculiaridade da cena já demonstra terem esses gansos outro destino, o qual segundo Graindorge (1996) seria:

Os gansos geram o destino solar do rei em Sokar-Osiris, as deusas leas protegem esta criação em benefício do rei, Hórus trona-se o novo “pequeno sol”. Esta ação dupla é reforçada pela presença contínua de Nefertum.⁶⁸

Autores do Período Greco-Romano como Heródoto e Plutarco nos relatam acontecimentos parecidos aos que observamos acima (navegação no lago sagrado, acendimento de lâmpadas, fabricação de figuras de grãos), mas que se realizavam em épocas diferentes do ano. Isto mostra a provável popularização dos ritos de Osiris realizados durante o mês da Inundação, sendo eles adotados em outros dias de festas que foram surgindo para Osiris ou mesmo independentes de Osiris.

Conclusões:

Conforme mencionado acima, não sabemos ao certo qual era o verdadeiro significado do Festival de Khoiak. Ao longo do tempo surgiram diferentes versões, mas duas correntes de pensamento ou versões intermediárias entre elas são mais frequentes. Uma é a que prioriza Osiris como um deus agrícola, ligando o festival aos eventos agrícolas e a outra é a que prioriza Osiris como o deus dos mortos, estando o festival ligado a sua ressurreição.

A primeira hipótese é defendida em geral por nomes mais antigos da egiptologia como Frankfort (1948), Frazer (1922) e Moret (1927). O festival dedicado a Osiris teria sua origem em crenças populares, as quais ligam os ciclos da natureza aos acontecimentos do mito de Osiris.

Quando a inundação chega, Osiris é a água nova, a qual deixa os campos verdejarem. Quando então as plantas murcham e morrem, acredita-se desta forma que Osiris também morreu. Mas ele não está totalmente morto, pois no ano novo as ervas nascem novamente de seu corpo e mostram que ele está vivo.⁶⁹

Os camponeses quando iam cortar o primeiro trigo da colheita faziam uma figura, a qual era enterrada sob lamentações lembrando as de Ísis quando enterra o corpo de Osíris. Ao enterrar essa figura tinha-se a esperança que seu conteúdo renascesse no próximo ano. Assim, “o deus-trigo [Osíris] produzia o trigo de si mesmo: ele dava seu próprio corpo para alimentar as pessoas: ele morria para que elas pudessem viver”⁷⁰. Esta comemoração popular teria sido adotada pelos sacerdotes, ritualizando-a. O Festival de Khoiak representava desta forma ritualizada o mito de Osíris na esperança que junto com seu renascimento ele trouxesse a fertilidade do solo a cada ano.

A segunda hipótese pode ser encontrada em ensaios mais atuais como o de Raven (1982) e Griffiths (1966). Segundo esta a prioridade do festival é de que todas as pessoas possam alcançar o mesmo destino de Osíris, a sua ressurreição no Mundo dos Mortos.

Tudo isso demonstra que o trigo germinando era apenas um dos muitos símbolos usados para expressar um conceito comum: a ressurreição de Osíris. Ela é a ideia guia do simbolismo como um todo e certamente não pode ser entendido como denotando comida e alimentação. [...] A ressurreição de Osíris era ambos, a ideia representada simbolicamente e o efeito realizado magicamente pelas múmias-de-grãos.⁷¹

Frazer⁷² (1922) aceita para o Festival de Khoiak a primeira hipótese, a qual toma o festival como um evento agrícola. Mas, para as “Múmias-de-Grãos” encontradas nas necrópoles egípcias concorda com a segunda hipótese, a de que ajudariam na ressurreição do morto. Portanto, como já foi dito antes (veja fontes arqueológicas), ele não associa as “Múmias-de-Grãos” encontradas com o Festival de Khoiak. Já para Erman⁷³ (1934) o que temos é uma transição, até sua supressão total ao longo do tempo da versão agrícola para a versão da ressurreição. Isso se deve segundo ele ao crescimento da importância do papel de Osíris como um deus funerário. Centrone (2006) define o Festival de Khoiak como “a celebração anual da vida, vista como a ressurreição de Osíris ou a renovação da natureza, a germinação dos grãos aqui incluída”⁷⁴.

Outra questão desenvolvida por Gaballa e Kitchen⁷⁵ (1969) é o elemento pelo qual o Festival de Sokar se incorporou ao Festival de Osíris. Segundo eles as características de ambos

os deuses são muito parecidas. Ambos têm características agrícolas e funerárias. Mas um elemento de Osíris falta a Sokar, o triunfo. Ao juntar-se ao Festival de Khoiak, Sokar incorpora em si essa característica, a do triunfo sobre a morte, sobre os inimigos (Seth e seus seguidores). A ligação solar que o festival adquire também está baseada nessa característica. Sokar, assim como Rê renasce triunfante a cada manhã de sua viagem noturna e da derrota de Apepi.

Se de um lado o festival tem origens populares, não podemos deixar de observar a sua ligação real por outro lado. Como já mencionado antes, um dos principais eventos do Festival de Sokar, a procissão de circundar os muros do templo tem sua origem numa festa dedicada ao rei sem ligação com Sokar. Os relevos nos templos do Novo Império nos mostram a presença constante do faraó, exercendo importantes papéis. Assim, o Festival de Khoiak também está ligado desde os primórdios a renovação do poder divino do rei, o qual desempenha o papel de Hórus. Este assim como Hórus é o herdeiro do trono de Osíris, o filho o qual executa os ritos para seu pai renascer. E como mencionado nos “Textos das Pirâmides” é o deus Sokar o responsável por essa transfiguração. Frankfort⁷⁶ (1948) por sua vez defende a ideia que as comemorações realizadas em Abidos durante o Médio Império seriam na verdade cerimônias, as quais celebram a unificação do Egito sob Menês. No caso de recorrermos ao calendário egípcio, veremos que no mês seguinte ao do festival ocorrem importantes festividades ligadas ao faraó.

A partir das ideias defendidas pelos diversos autores expostas acima, podemos concluir que temos muitas hipóteses a respeito do significado do festival. Entre ser um festival agrícola ou de ressurreição de Osíris, talvez devêssemos considerar as duas hipóteses como válidas. As informações sobreviventes do festival mostram rituais de ambas as naturezas. Não devemos esquecer o longo período da história em que o festival se realizou. Neste período todo ele não permaneceu o mesmo, ao longo do tempo foi crescendo, adquirindo novos elementos e significados. Elementos agrícolas ligados ao renascimento podem ser vistos por todo esse tempo, portanto o que se pode observar é a maior ênfase em um de seus elementos conforme a época histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Jan. *Tod und Jenseits im alten Ägypten*. Munique: C.H. Beck, 2003 [2001].
- BARGUET, Paul. *Les Textes des sarcophages égyptiens du Moyen Empire*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1986.
- BREASTED, James Henry. *Ancient Records of Egypt. Historical Documents from the earliest times to the Persian Conquest. Vol. I – The First to the Seventeenth Dynasties*. Chicago: The University of Chicago Press, 1906.
- BRUGSCH, Heinrich Ferdinand. “Das Osiris-Mysteryum von Tentyra”. In: *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Alterthumskunde*. Leipzig: 1881, 19, pp. 77-111.
- CENTRONE, Maria. “Corn-Mummies, Amulets of Life”. In: SZPAKOWSKA, Kasia (ed.). *Through a Glass Darkly – Magic, Dreams & Prophecy in Ancient Egypt*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2006, pp. 33-45.
- EATON, Katherine J. “The Festivals of Osiris and Sokar in the Month of Khoiak: The Evidence from Nineteenth Dynasty Royal Monuments at Abydos”. In: *Studien zur Altägyptischen Kultur*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2006, vol. 35, pp. 75-101.
- EPIGRAPHIC SURVEY. *Medinet Habu, Volume 4. Festival Scenes of Ramses III*. Chicago: The University of Chicago Press, 1940.
- ERMAN, Adolf. *Die Religion der Ägypter - Ihr Werden und Vergehen in vier Jahrtausenden*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2001 [1934].
- FRANKFORT, Henri. *Kingship and the Gods – A Study of Ancient Near Eastern Religion as the Integration of Society & Nature*. 7ª edição. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1948.
- FRAZER, Sir James George. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. New York: Macmillan, 1922.
- FAULKNER, Raymond Oliver. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts 1910*. Oxford: The Clarendon Press, 1910.
- GABALLA, G. A.; KITCHEN, K. A.. “The Festival of Sokar”. In: *Orientalia Lovaniesa Periódica*. Louvain: Pontificium Institutum Biblicum, 1969, Vol. 38, pp. 1-76.

GOYON, Jean-Claude. “La fête de Sokaris à Edfou. À la lumière d’un texte liturgique remontant au Nouvel Empire”. In: *Bulletin de l’Institut Français d’Archéologie Orientale* Cairo: Institut français d’archéologie orientale, 1978, n° 78, pp. 415-438.

GRAINDORGE, Catherine. “Les Oignons de Sokar”. In: *Revue d’Égyptologie*. Paris: La Société Française d’Égyptologie, 1992; Tomo 43, pp. 88-105.

_____. “La Quête de la Lumière au Mois de Khoiak : Une Histoire d’Oies”. In: *The Journal of Egyptian Archaeology*. Londres: The Egyptian Exploration Society, 1996, Vol. 82, pp. 83-105.

GRAINDORGE-HÉREIL, Catherine. *Le Dieu Sokar à Thèbes au Nouvel Empire. Vol. I*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1994.

GRIFFITHS, J. Gwyn. *The Origins of Osiris*. Berlin: Verlag Bruno Hessling, 1966.

GRIMAL, Nicolas e LARCHÉ, François. “Karnak, 1998-2004”. In: *Cahiers de Karnak* Cairo: Soleb, 2007, n° XII, fascículo 1.

HELCK, Wolfgang. “Zu Ptah und Sokar”. In: *Orientalia Lovaniensia Analecta*. Leuven: Peeters, 1991, n° 39, pp. 159-164.

HORNUNG, Erik. *Der Eine und die Vielen – Ägyptische Gottesvorstellungen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1993 [1971].

_____. *Die Nachtfahrt der Sonne. Eine altägyptische Beschreibung des Jenseits*. Düsseldorf, Zúrique: Artemis & Winkler, 1991.

_____. *Die Unterweltsbücher der Ägypter. Eingeleitet, übersetzt und erläutert von Erik Hornung*. Düsseldorf: Patmos Verlag, 2002 [1992]

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature, Vol. I: The Old and Middle Kingdoms*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1973.

LORET, Victor. “Les Fêtes d’Osiris au Mois de Khoiak. Partie I”. In: *Recueil de Travaux relatifs à la Philologie et l’Archéologie Égyptiennes et Assyriennes*. Paris: Librairie Ancienne Honore Champion / Librairie de la Société Française d’Égyptologie, 1882, n° 3, pp. 43-57.

_____. “Les Fêtes d’Osiris au Mois de Khoiak. Partie II”. In: *Recueil de Travaux relatifs à la Philologie et l’Archéologie Égyptiennes et Assyriennes*. Paris: Librairie Ancienne Honore Champion / Librairie de la Société Française d’Égyptologie, 1883, n° 4, pp. 21-33.

_____. “Les Fêtes d’Osiris au Mois de Khoiak. “Parte III”. In: *Recueil de Travaux relatifs a la Philologie et l’Archéologie Égyptiennes et Assyriennes*. Paris: Librairie Ancienne Honore Champion / Librairie de la Societe Francaise d’Egyptologie, 1884, n° 5, pp. 85-103.

MIKHAIL, L. B.. “Dramatic Aspects of the Osirian Khoiak Festival – An Outline”. In: *Göttinger Miszellen - Beiträge zur ägyptologischen Diskussion*. Göttingen: Seminars für Ägyptologie und Koptologie der Universität Göttingen, 1984a, caderno 81, pp. 29-54.

_____. “The Festival of Sokar – An Episode of the Osirian Khoiak Festival”. In: *Göttinger Miszellen - Beiträge zur ägyptologischen Diskussion*. Göttingen: Seminars für Ägyptologie und Koptologie der Universität Göttingen, 1984b, caderno 82, pp. 25-44.

MORET, Alexandre. *The Nile and the Egyptian Civilization*. Mineola, New York: Dover Publications, Inc., 2001 [1927].

_____. *Rois et Dieux d’Égypte*. 5ª edição. Paris: Librarie Armand Colin, 1925.

QUACK, Joachim Friedrich. “Die rituelle Erneuerung der Osirisfigurinen”. In: *Welt des Orients*. Göttingen: Vandenhöck & Ruprecht, 2000/2001, vol. 31, pp. 5-18.

RAVEN, Maarten J.. “Corn-Mummies”. In: *Oudheidkundige Mededelingen uit het Rijksmuseum van Oudheden te Leiden*. Leiden: Rijksmuseum van Oudheden, 1982, n° 63, pp. 7-38.

TOOLEY, Angela M. “Osiris Bricks”. In: *The Journal of Egyptian Archeology*. Londres: The Egyptian Exploration Society, 1996, Vol. 82, pp. 167-179.

UNIVERSITY COLLEGE LONDON. *The Festivals of Khoiak*, 2003. <<http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/ideology/khoiak.html>> acesso em: 02 ago.2006.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figura 1 - GRIFFITH INSTITUTE. Disponível em: <<http://www.griffith.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 08 maio. 2008.

Figura 2a e 2b - FITZWILLIAM MUSEUM. Disponível em: <[http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/_functions/imagewindow.php?http://www-img.fitzmuseum.cam.ac.uk/img/ant/ant8/E.23.1887\(5\).jpg](http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/_functions/imagewindow.php?http://www-img.fitzmuseum.cam.ac.uk/img/ant/ant8/E.23.1887(5).jpg)>. Acesso em: 28 ago. 2008.

Figura 3 – BRITISH MUSEUM. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/search_the_collection_database/search_object_im

age.aspx?objectId=163656&partId=1&searchText=corn+mummy&fromADBC=ad&toADB
C=ad&orig=%2fresearch%2fsearch_the_collection_database.aspx&numPages=10¤tPa
ge=1&asset_id=18654>. Acesso em: 23 nov. 2007.

Figura 4 – MUSEU DO LOUVRE. Disponível em:

<http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=obj_view_obj&objet=cartel_19135_27608_ev027079.001.jpg_obj.html&flag=true>. Acesso em: 23 nov. 2007.

Figura 5 – MORET, Alexandre *Rois et Dieux d'Égypte*. 5ª ed. Paris: Librarie Armand Colin, 1925, p.101.

Figura 6 – MORET, Alexandre *Rois et Dieux d'Égypte*. 5ª ed. Paris: Librarie Armand Colin, 1925, p.101

Figura 7 - EPIGRAPHIC SURVEY. *Medinet Habu, Volume 4. Festival Scenes of Ramses III*. Chicago: The University of Chicago Press, 1940, pl. 196 C-D, 218-226.

-
- 1 MIKHAIL, L. B.. “Dramatic Aspects of the Osirian Khoiak Festival – An Outline”. In: *Göttinger Miscellen - Beitrage zur ägyptologischen Diskussion*. Göttingen: Seminars für Ägyptologie und Koptologie der Universität Gottingen, 1984a, caderno 81, p.36.
 - 2 Barca pertencente ao grupo das barcas solares associada à Sokar
 - 3 GABALLA, G. A.; KITCHEN, K. A.. “The Festival of Sokar”. In: *Orientalia Lovaniesa Periódica*. Louvain: Pontificium Institutum Biblicum, 1969, Vol. 38, pp. 13-19.
 - 4 GABALLA; KITCHEN. Op. cit., p. 21 e MIKHAIL, L. B.. “*The Festival of Sokar – An Episode of the Osirian Khoiak Festival*”. In: *Göttinger Miscellen - Beitrage zur ägyptologischen Diskussion*. Göttingen: Seminars für Ägyptologie und Koptologie der Universität Gottingen, 1984b, caderno 82, p. 28.
 - 5 FRANKFORT, Henri. *Kingship and the Gods – A Study of Ancient Near Eastern Religion as the Integration of Society & Nature*. 7ª ed. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1948, p. 203-204.
 - 6 GRIFFITHS, Gwyn. *The Origins of Osiris*. Berlin: Verlag Bruno Hessling, 1966.
 - 7 MIKHAIL, GM 82. Op. cit., p. 28 e GRAINDORGE-HÉREIL, Catherine. *Le Dieu Sokar à Thèbes au Nouvel Empire*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1994, pp. 58-59.
 - 8 BARGUET, Paul. *Les Textes des sarcophages égyptiens du Moyen Empire*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1986, p. 289. Tradução livre do francês.
 - 9 . GABALLA; KITCHEN. Op. cit., p. 30 e EATON, Katherine J. “The Festivals of Osiris and Sokar in the Month of Khoiak: The Evidence from Nineteenth Dynasty Royal Monuments at Abydos”. In: *Studien zur Altägyptischen Kultur*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2006, vol. 35, pp. 75-101.
 - 10 Neste caso Sokar-Osiris.
 - 11 GABALLA; KITCHEN. Op. cit., pp. 2 e 30.

-
- 12 MURNANE, William J. *United with Eternity. A Concise Guide to the Monuments of Medinet Habu*. Chicago, Cairo: The Oriental Institute, University of Chicago and The American University in Cairo Press, 1980, p. 28.
- 13 GABALLA; KITCHEN. Op. cit., p. 33 e MIKHAIL, GM 82. Op. cit., p. 28.
- 14 RAVEN, Maarten J. “Corn-Mummies”. In: *Oudhuidkundige Mededelingen uit het Rijksmuseum van Oudheden te Leiden*. Leiden: Rijksmuseum van Oudheden, 1982, n° 63, pp. 27-28.
- 15 Segundo o texto esta variava conforme o local.
- 16 MIKHAIL, GM 81, op. cit. p. 36.
- 17 Ibidem, pp. 42-47.
- 18 RAVEN, op. cit.
- 19 FRAZER, Sir James George. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. New York: Macmillan, 1922; pp. 377-378.
- 20 GRIFFITHS, op. cit., pp. 106-107.
- 21 BARGUET, op. cit., p. 544. Tradução livre do francês.
- 22 Ibidem.
- 23 RAVEN, op. cit., pp. 7-12.
- 24 Ibidem, pp. 12-15.
- 25 Estas análises também provam serem falsas as afirmações de serem estas pseudo-múmias membros do morto mumificados.
- 26 RAVEN, op. cit., pp. 16-18.
- 27 RAVEN, op. cit., p. 16.
- 28 Características comuns levam a crer pertencerem este grupo de figuras ao mesmo sítio.
- 29 RAVEN, op. cit., pp. 18-27.
- 30 TOOLEY, Angela M. “Osiris Bricks”. *Journal of Egyptian Archeology*. Londres: The Egyptian Exploration Society, 1996, Vol. 82, pp. 167-179.
- 31 RAVEN, op. cit., p. 29.
- 32 TOOLEY, op. cit., p. 179. Tradução livre do inglês.
- 33 Mikhail considera que tais deuses devam ser considerados como formas de Osíris, certamente Gaballa e Kitchen têm a mesma opinião ao afirmarem que no Período Greco-Romano Sokar torna-se apenas uma forma de Osíris. Frazer é mais específico ao afirmar que o Texto de Dendera transmitia a natureza de Osíris em seu aspecto triplo como morto, sendo chamado de Chent-Ament (Khenti-Ament) [Khenty-Amentet], como desmembrado, possuindo o nome de Osíris-Sep e como reconstruído pela união de seus membros separados, sendo conhecido por Sokari (Seker) [Sokar].
- 34 BRUGSCH, Heinrich Ferdinand. “Das Osiris-Mysteryum von Tentyra”. In: *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Alterthumskunde*. Leipzig: 1881, 19, pp. 80-82.
- 35 Ibidem, p. 89-90
- 36 GRIMAL, Nicolas e LARCHÉ, François. “Karnak, 1998-2004”. In: *Cahiers de Karnak* Cairo: Soleb, 2007, n° XII, fascículo 1. pp. 25-31.
- 37 MIKHAIL, GM 81, op. cit., p.33 e RAVEN, op. cit. pp. 28-30.
- 38 FRAZER, op. cit., pp. 377-378.
- 39 QUACK, Joachim Friedrich. “Die rituelle Erneuerung der Osirisfigurinen”. In: *Welt des Orients*. Göttingen: Vandenhöck & Ruprecht, 2000/2001, vol. 31, p. 6. Tradução livre do alemão.
- 40 Ibidem, pp. 5-18.
- 41 GABALLA; KITCHEN, op. cit, p. 35. Tradução livre do inglês.
- 42 GABALLA; KITCHEN, op. cit. pp.13-19 e GRAINDORGE-HÉREIL, op. cit., pp.55-56.
- 43 Apud GRAINDORGE-HÉREIL. op. cit.; p.56.

-
- 44 GRAINDORGE-HÉREIL, op. cit., pp.60-61; FRANKFORT, op. cit., pp. 203-204, LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature, Vol. I: The Old and Middle Kingdoms*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1973, pp. 123-125 e MORET, Alexandre. *The Nile and the Egyptian Civilization*. Mineola, New York: Dover Publications, Inc., 2001 [1927], pp. 249-251.
- 45 MORET, op. cit., p. 250. Tradução livre do inglês.
- 46 FRANKFORT, op. cit., p. 203. Tradução livre do inglês.
- 47 Ibidem.
- 48 MORET, op. cit., p.251. Tradução livre do inglês.
- 49 LICHTHEIM, op. cit., p. 125. Tradução livre do inglês.
- 50 BRUGSCH, op. cit., pp. 94-95; FRAZER, op. cit., p. 376; MIKHAIL, GM 82, op. cit., p. 32 e LORET, Victor. *Les Fêtes d'Osiris au Mois de Khoiak. Parte III*. Paris: Recueil de Travaux relatifs a la Philologie et l'Archéologie Égyptiennes et Assyriennes 5, 1884, p. 99-100.
- 51 LORET, 1884, op. cit., p. 101.
- 52 BRUGSCH, op. cit., pp. 92-93 e 97; FRAZER, op. cit., p. 376; GABALLA; KITCHEN, op. cit., p. 38 e LORET, 1884, op. cit., p. 101.
- 53 GABALLA; KITCHEN, op. cit., p. 39 e MURNANE, op. cit., p. 29.
- 54 Ritual conhecido de forma geral na egiptologia pelo nome alemão de *Stundenwachen*.
- 55 GABALLA; KITCHEN, op. cit., p. 40 e MIKHAIL, GM 82, op. cit., p. 32.
- 56 GRAINDORGE, Catherine. "Les Oignons de Sokar". In: *Revue d'Égyptologie*. Paris, Louvain:,1992; 43, p. 95 e 97-98.
- 57 GABALLA; KITCHEN, op. cit., pp. 43-44.
- 58 GRAINDORGE, 1992, op. cit., p. 98.
- 59 GABALLA; KITCHEN, op. cit., p. 47.
- 60 GABALLA; KITCHEN, op. cit., pp. 2-13 e 48-52; GRAINDORGE-HÉREIL, op. cit., pp. 62-63 e MURNANE, op. cit., pp. 28-32.
- 61 GRAINDORGE-HÉREIL, op. cit., p. 63. Tradução livre do francês.
- 62 FRAZER, op. cit., p. 377; GABALLA; KITCHEN, op. cit., pp. 72-73; LORET, op. cit., p. 101; MIKHAIL, GM 81, op. cit., p. 32; Idem, GM 82, op. cit., p. 33 e MURNANE, op. cit. p. 32.
- 63 HORNING, Erik. *Die Nachtfahrt der Sonne. Eine altägyptische Beschreibung des Jenseits*. Düsseldorf, Zurique: Artemis & Winkler, 1991, pp. 62, 67 e 74-75 e HORNING, Erik. *Die Unterweltsbücher der Ägypter. Eingeleitet, übersetzt und erläutert von Erik Hornung*. Düsseldorf: Patmos Verlag, 2002 [1992], pp. 93, 109-110 e 112.
- 64 ASSMANN, Jan. *Tod und Jenseits im alten Ägypten*. Munique: C.H. Beck, 2003 [2001], pp. 18 e 251-253 e HORNING, Erik. *Der Eine und die Vielen – Ägyptische Gottesvorstellungen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1993 [1971], pp. 85-87, 1991, pp. 94-101.
- 65 GOYON, Jean-Claude. "La fête de Sokaris à Edfou. À la lumière d'un texte liturgique remontant au Nouvel Empire". *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* Cairo: Institut français d'archéologie orientale, 1978, n° 78, pp. 437-438.
- 66 MURNANE, op. cit., p. 31. Tradução livre do inglês.
- 67 GRAINDORGE, Catherine. "La Quête de la Lumière au Mois de Khoiak : Une Histoire d'Oies". In: *The Journal of Egyptian Archaeology*. Londres: The Egyptian Exploration Society, 1996, Vol. 82, p. 85.
- 68 Ibidem, p. 93. Tradução livre do francês.
- 69 ERMAN, Adolf. *Die Religion der Ägypter - Ihr Werden und Vergehen in vier Jahrtausenden*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2001 [1934]; p.40 – tradução livre do alemão.
- 70 FRAZER, op. cit., p.377. Tradução livre do inglês.
- 71 RAVEN, op. cit., pp. 31-32. Tradução livre do inglês.
- 72 FRAZER, op. cit., p.377-378.
- 73 ERMAN, op. cit., p. 40.

74 CENTRONE, Maria. *Corn-Mummies, Amulets of Life*. In: SZPAKOWSKA, Kasia (ed.). *Through a Glass Darkly – Magic, Dreams & Prophecy in Ancient Egypt*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2006; p. 38. Tradução livre do inglês.

75 GABALLA; KITCHEN, op. cit., pp. 46-7 e 58

76 FRANKFORT, op. cit., p.104.